

Telmo Pamploná

A

PONTAMENTOS SOBRE MISSIONÁRIOS,
PIONEIROS e PRODUTOS NORTE-
AMERICANOS NA MODERNIZAÇÃO
INDUSTRIAL BRASILEIRA

RESUMO

Os apontamentos aqui apresentados abordam a "colonização voluntária" empreendida por imigrantes norte-americanos a partir da metade do século 19, em sua maioria composta por missionários e sulistas vitimados pela Guerra de Secessão. Esses pioneiros pretendiam difundir a doutrina presbiteriana em nosso território. O texto também aborda a "colonização silenciosa" empreendida, menos de um século depois, no pós-guerra, pelos produtos industriais norte-americanos, que verdadeiramente consagram a doutrina do capitalismo industrial dependente no Brasil (centrado em São Paulo). Neste sentido, analisa-se o histórico de quatro empresas de eletrodomésticos instaladas no país nessa ocasião, procurando assim contemplar a questão da dependência tecnológica e a do *style* norte-americano como doutrina estética.

ABSTRACT

The information presented here involves, on one hand, the voluntary colonization by north american immigrants arriving in Brazil during the second half of the 19th century, most of them missionaries and southerners fleeing the civil war, who intended to disseminate their Presbyterian religious doctrine in our land. On the other hand, the text also deals with the silent colonization effected by north american industrial products, less than a century later, which, in fact, consolidated the doctrine of dependent industrial capitalism in Brazil, centered in São Paulo. The history of four manufacturers of home appliances installed in the country at that time is used to analyze the question of technological dependence as well as that of the north american "style" as an esthetic doctrine.

2502



*“Uma terra desocupada, vazia e devoluta,
É também uma terra ocupada e populosa,
Que o mundo ocidental em marcha explora
E contra a qual investe para fins de expansão econômica”¹*

HANCOCK, W. K. *The moving metropolises*. Austin, USA: University of Texas, 1958.

Citação extraída de *História e historiografia* de Rodrigues, J. H. Rio de Janeiro: Ed. Vozes Ltda, 1970, p. 7.

(1) Sobre as origens do conceito expansionista norte-americano de fronteiras políticas, consultar TAYLOR, G., *The turner thesis concerning the role of the frontier in american history*. Boston, USA: Acath, 1949.

(2) VIANA, Moog. *Bandeirantes e pioneiros*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978, aponta o período 1865/1870 como de empenho do governo norte-americano em substituir a mão-de-obra escrava, valendo-se da arrematação de grupos sulistas, perdedores da guerra, para transmitir técnicas de plantio e influenciar na “purificação da raça” de novos trabalhadores rurais americanos.

(3) Sobre a filosofia que apóia a atitude expansionista norte-americana – pregação do espírito da liberdade, da modernidade e do progresso – consultar *Presença dos Estados Unidos no Brasil (dois séculos de história)*. BANDEIRA, Moniz. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978.

A partir de 1860, com a eleição de Abraham Lincoln e sua política abolicionista para presidir a República dos Estados Unidos, precipita-se um processo de desarmonia interna latente no país entre nortistas e sulistas e inicia-se a Guerra de Secessão. Lembremo-nos de que desde 1803, durante a presidência de Jefferson, com a compra da Louisiana à França, mais de 2,5 milhões de quilômetros quadrados foram anexados ao território americano, é importante salientar, estabelece-se o controle sobre extensas terras férteis, inclusive da bacia do rio Mississippi. Tendo como base a mão-de-obra africana escrava, ali eram produzidos o algodão, que chegou a representar mais da metade das exportações americanas, também suprimindo os comerciantes e fabricantes nortistas; o arroz; a cana-de-açúcar e o tabaco. Entretanto, os problemas escravistas começaram a se agravar a partir de 1808, quando foi proibido o tráfico de africanos, alimentando o conflito entre os estados do Norte, partidários do protecionismo econômico, e os sulistas, que se sentiam prejudicados por aquela orientação econômica.

Com a rendição dos sulistas em 1865, assiste-se internamente a um período de ruína econômica e desordem social, agravada pelo problema dos negros². Assiste-se também ao êxodo de comerciantes, agricultores e outras lideranças sulistas que iriam engrossar as expedições marítimas missionárias, sacramentando aquela imigração voluntária numa causa missionária – divulgação e reprodução dos princípios presbiterianos para novos territórios³.

Essas expedições missionárias começam a aportar no Brasil já em 1866, na Baía de Paranaguá, no Paraná, onde aporta um grupo de imigrantes liderados por Horace Lane.

(4) Informação extraída de *Os pioneiros americanos no Brasil*. GOLDMAN, Frank P. São Paulo: Livraria Editora Pioneira, 1972. O autor, nas páginas 9 e 10, formula um quadro descritivo bastante dramático daquele momento migratório: "*Terminara, na América do Norte, a guerra entre os Estados; a escravidão negra fora abolida; o Sul perdera a sua Guerra de Independência Sulista. Cansados da guerra civil, da viagem penosa e famintos de terras, vinham os imigrantes da sangrenta escravidão abolida para outra escravidão, em guerra com o Paraguai, e às voltas com o problema da falta de braços. Havia novas utopias para todos e, para alguns, o direito democrático de um homem possuir escravos ... O interior e o litoral de São Paulo receberam a maior parte dos imigrantes. Colônias se estabeleceram nas Províncias do Rio de Janeiro, Paraná, Espírito Santo, Pará e Bahia. Mas uma leva de americanos, não destinada à colonização, conseguiu manter-se em Santa Bárbara D'Oeste e Americana, e para ali atrair os imigrantes das colônias mal sucedidas.*"

Em 1867 o reverendo Ballard Dunn chega a Iguape e Juquiá no litoral paulista. No mesmo ano, um grupo foi para a lagoa de Juparanã no Espírito Santo e outro, liderado pelo coronel Hutchinson Norris, chega à região de Campinas, São Paulo. Em 1868 chegam a Santarém, no Pará, nove meses depois de terem saído do Texas. Gostaram da cultura culinária nortista, daquilo que não conheciam, da canja cozida nas gamelas de barro e do tatu, cozido na própria casca pendurada nos tripés sob o fogo.

Nesse mesmo ano chegam mais imigrantes norte-americanos "independentes", que se dispersam pelas províncias do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná.

"É difícil dizer se a *Guerra Civil e a Reconstrução* (da unidade americana pós-guerra) foram as causas principais dessas migrações ... pode-se afirmar que, segundo estimativa, dos 10.000 sulistas que deixaram os Estados Unidos depois da *Guerra de Secessão, cerca de 2.000 sulistas em sua maioria, radicaram-se no Brasil*"⁴. "Numa atitude típica de defesa cultural, os imigrantes desde logo tentaram conservar a cultura, a língua e a religião nativas, valendo-se dos seus próprios professores para os ensinar, de acordo com os métodos da *Little Red Schools* da velha pátria, ... da *Mission Scholls*, escolas protestantes missionárias segundo o modelo nortista novaiorquino ou o modelo sulista (Nashville Committee), ... e as *Escolas Americanas*, instituições de ensino mais elevado (aí teve origem o Mackenzie College, a partir da implantação, em 1870, da Escola Americana de São Paulo, originalmente uma escolinha primária da missão presbiteriana).

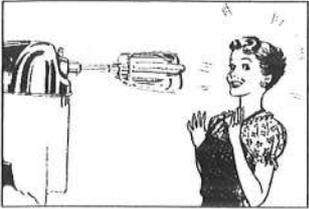
Nas décadas de 1880 e 1890 proliferam escolas e igrejas presbiterianas pelo território brasileiro, propagando a ideologia liberal.

Em 1900, sobretudo em São Paulo, os presbiterianos eram uma pequena minoria diante do processo incontrolável de imigração européia, que na última década do século 19 atinge um número superior a 1.000.000 de imigrantes e renovaria radicalmente a composição do setor agrícola e da nascente atividade industrial (sobretudo em São Paulo, estado que aloja mais de 60% desse fluxo).

Gerados no processo de substituição da mão-de-obra escrava africana, bastante definido no Brasil a partir das três últimas décadas do século 19, preconceitos raciais foram alimentados no sentido de obter uma rápida e eficaz recepção ao imigrante, tido como honrado, habilidoso, alfabetizado e ordeiro (virtudes burguesas). O sertanejo era tido como preguiçoso, o negro como desordeiro e o índio como selvagem e violento. Assiste-se à glorificação da ideologia do camponês europeu livre: terra própria e comercialização do excedente agrícola, como meta do seu assentamento no "mundo novo".

A partir de 1940, menos de um século após a chegada dos primeiros imigrantes americanos ao Brasil, intensifica-se a estratégia americana de conquista dos mercados planetários. Exporta-se com grande intensidade produtos, processos industriais e tecnologia. A missão dos pioneiros aventureiros e missionários foi substituída por um modo mais eficaz de colonização, que substituiu pessoas por coisas e que vai influenciar categoricamente nossa modernização industrial.

Examinemos, pois, de modo mais detalhado, o histórico da modernização ocorrida com quatro empresas aqui instaladas no período pós-guerra. Efetivamente, Consul, Walita, Brastemp e Philips (instalada no país em 1924 como montadora de produtos de sua matriz holandesa), servem-nos para exemplificar o nascimento e a morte de uma utopia mais nacionalista e autônoma do processo de modernização e expansão da indústria nacional.



(5) A coleta de dados e históricos empresariais, além de parte dos anúncios veiculados por revistas da época aqui apresentados, contou com a participação da aluna do curso de mestrado da FAUUSP, arquiteta Érica Negreiros de Camargo.

A sociedade atual supervaloriza as coisas; Melhor conhecendo-as, talvez possamos entendê-la⁵

Brastemp, Consul e Walita, pequenas empresas nacionais até o início da década de 50, e Philips, subsidiária da empresa holandesa fundada em 1891, tiveram um papel importante na difusão de eletrodomésticos no Brasil do pós-guerra. Todas essas empresas adentraram a década de 60 em vertiginosa expansão para atender a um mercado interno, cuja demanda ampliava-se no mesmo diapasão. Carros e eletrodomésticos constituíam-se nos setores dinâmicos do processo interno de industrialização e, do ponto de vista da cultura urbana-industrial, passaram a delinear uma “cara moderna” de superação do país agrário e importador de bens. A modernização das empresas nacionais dependia da incorporação de tecnologia e *design* dos países líderes industriais, sobretudo dos Estados Unidos, com sua agressiva estratégia de conquista do mercado planetário. No final da década de 60, conforme veremos, as empresas nacionais, por meio de fusões e incorporações, passaram a ser controladas por empresas maiores, estrangeiras, que determinaram ritmos acelerados de modernização. O desenvolvimento experimentado pela indústria de eletrodomésticos em sua fase de implantação, entretanto, deve ser considerado, pois apresentou características exemplares de versatilidade produtiva e de ampliação do mercado interno, numa cultura urbana-industrial ainda em formação.

WALITA

Histórico:

1939 – Começou no largo do Arouche, como nome de Indústria Iluminotécnica Waldemar Clemente, proprietário Waldemar Clemente.

1940 – Mudou-se para o bairro de Vila Mariana.

1942 – Iniciou a produção de ventoinhas para motores a gasogênio.

1944 – Projetou e construiu o 1º motor e o 1º liqüidificador no Brasil, e, ao mesmo tempo, introduziu a marca “Walita” (junção de WA de Waldemar e LITA, nome da esposa).

1945 – Lançou o ventilador (2º eletrodoméstico da Indústria Walita Ltda).

1947 – Transformou-se em sociedade anônima com o nome de “Eleto Industrial Walita S/A”.

1955 – Já havia produzido 500.000 aparelhos domésticos – liqüidificadores, ventiladores, motores de máquinas de costura, furadeiras, enceradeiras, ferros de passar, exaustores e aspiradores de pó.

1963 – Transformou-se em "Walita S/A Eletro Indústria".

1970 – Foi incorporada às empresas da organização Philips brasileira. Desde então é líder (cerca de 30%) do mercado dos produtos similares produzidos localmente, bem como dos importados.

PHILIPS

Histórico:

Fundada por Gerard Philips em 15 de maio de 1891, em Eindhoven – Holanda, chega ao Brasil em 1924 e a partir de 1950, passa por etapas de grande crescimento.

1924 – Ano de fundação do primeiro escritório da empresa no Brasil, no Rio de Janeiro, em 28 de julho. Importava lâmpadas incandescentes e, nos anos seguintes, aparelhos de rádio.

1939 – Início da Segunda Guerra, importações suspensas, empresa sobrevive vendendo dínamos de bicicletas, motores elétricos, aquecedores para torneiras e, até inseticida em pó.

1948 – Instalou em São Paulo uma fábrica de produtos para iluminação.

1950 – Iniciou a produção no Brasil de aparelhos de rádio.

1951 – A sede da empresa foi transferida para São Paulo.

1953 – Iniciou a produção local de aparelhos de TV em preto e branco (partes essenciais da montagem eram importadas).

1955 – Começou a produção local de válvulas, componentes de vidro para lâmpadas.

1957 – Iniciou a produção de lâmpadas fluorescentes e de cinescópios (tubos de imagem) para aparelhos de TV em preto e branco.

1960 – Inaugurou em Guarulhos/SP uma fábrica para equipamentos eletroeletrônicos (rádios, vitrolas e aparelhos de TV); começou a produção local de lâmpadas automotivas.

1965 – Iniciou a produção de reatores para lâmpadas fluorescentes e de vapor de mercúrio (utilizadas na iluminação pública).

1967 – Inaugurou fábrica de produtos de iluminação em Recife/PE.

1970 – Adquire o controle acionário da Walita.

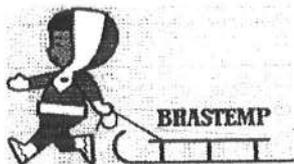
1971 – Começou a produção de aparelhos de TV em cores em Guarulhos/SP; inaugura fábrica em Manaus/AM.

1972 – No plano internacional, a Philips estabeleceu o que viria a se tornar a maior empresa fonográfica do mundo, a Polygram.

A partir desse ano a empresa começa uma escalada vertiginosa no mercado mundial: em 1974 e 1975 adquire o controle da MAGNAVOX e da SIGNETICS, americanas. Em 1981 adquire o setor de aparelhos de TV da GTE Sylvania. Em 1983, incorpora as atividades de iluminação da Westinghouse. Nesse ano a Philips lançou mundialmente o CD, além de atingir a marca de 100 milhões de aparelhos de TV fabricados no mundo. Em 1989 os barbeadores "Philishave" atingiam a marca de 250 milhões de unidades vendidas no mundo.

- 1975 – Começou a produção de circuitos integrados na fábrica de Recife/PE.
- 1983 – Adquire a PETERCO, fabricante local de luminárias e reatores para lâmpadas (empresa concorrente até então).
- 1984 – Lançou no Brasil o toca-discos a laser (CD player).

BRASTEMP



BRASTEMP

Histórico:

A BRASMOTOR foi criada antes da década de 50 com o objetivo empresarial de importar carros Chrysler e Volkswagen, prontos para venda ou desmontados, para montá-los em sua fábrica.

Nos anos 50, passou a montar os refrigeradores Norge, Alaska, Star e Kelvinator.

1953 – a BRASMOTOR decidiu fabricar geladeiras com marca própria, criando assim a Brastemp. Estabeleceu parceria tecnológica com a norte-americana Whirlpool Corporation. Logo que foram lançados, os eletrodomésticos Brastemp eram expostos e vendidos na rede de concessionárias BRASMOTOR, com os automóveis. Os primeiros refrigeradores eram arredondados, feitos em chapas de aço com isolamento térmico em lã mineral e portas sem aproveitamento interno. Eram fabricados em um pequeno galpão em São Bernardo do Campo/SP.

1957 – A Brastemp diversificou sua linha de geladeiras, lançando os modelos “Príncipe”, “Imperador” e “Conquistador”, cujo *design* incorporava o aproveitamento da parte interna das portas, além de melhorar o aproveitamento de todo o espaço interno.

1959 – Por meio de parceria tecnológica com a WHIRPOOL CORPORATION e modernização de sua fábrica de São Bernardo, lançou a lavadeira de roupas, com duas inovações que lhe garantiriam, mais tarde, superar a BENDIX (líder de mercado até então): lavagem por agitação e secagem por centrifugação – a concorrente lavava a vácuo e secava parcialmente por “compressão”. Na primeira linha de produção das máquinas de lavar, 500 empregados fabricavam cinco unidades por hora (hoje, na sua fábrica de Rio Claro/SP, 720 empregados fabricam 200 lavadoras por hora).

1960 – Lançou o primeiro fogão a gás, durante a I Feira de Utilidades Domésticas – UD – em São Paulo.

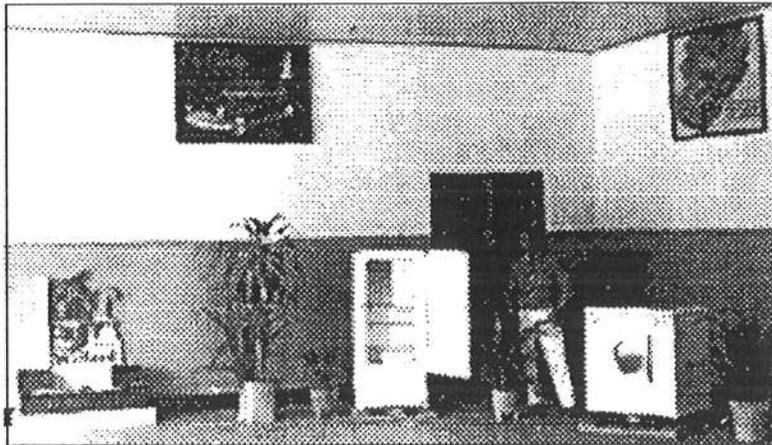
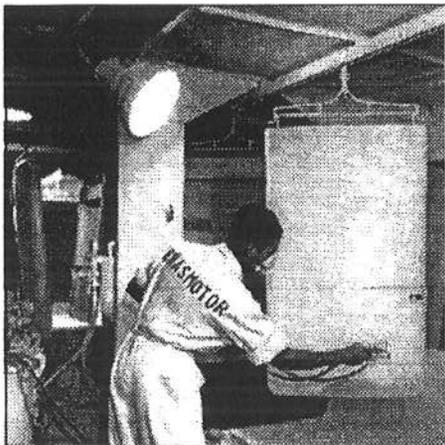
1962 – Lançou a primeira geladeira brasileira de duas portas.

1965 – Lançou a secadora de roupas.

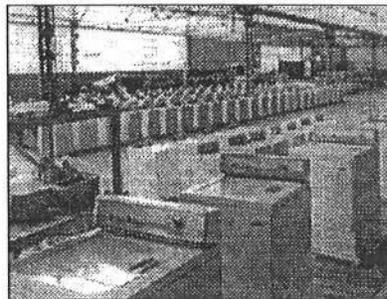
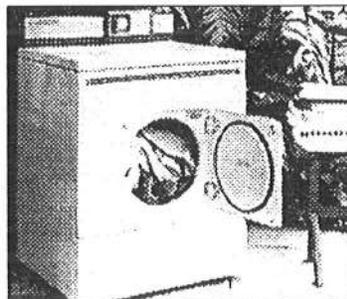
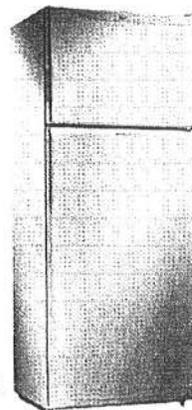
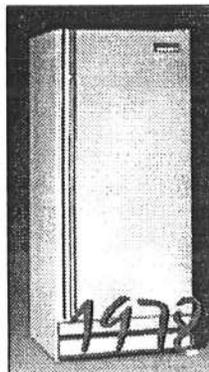
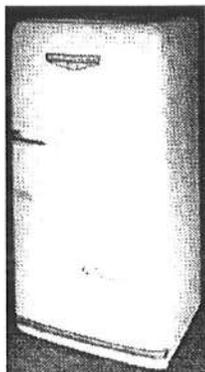
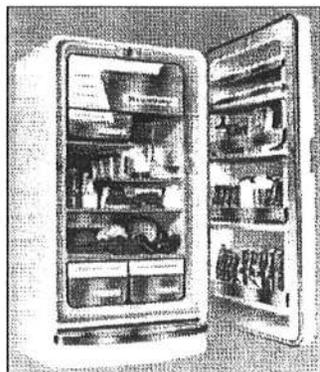
1977 – Lançou a primeira lava-louça brasileira.

1978 – Lançou o primeiro freezer vertical.

1994 – O grupo BRASMOTOR procedeu a fusão da Brastemp com a Consul e a Semer, transformando-as em uma única empresa, a Multibrás S/A Eletrodomésticos.



Imagens e anúncios de revistas e jornais da época: BRASTEMP



Consul

Consul

CONSUL

Histórico:

A Consul foi fundada em 1950, assim denominada em homenagem ao cônsul Carlos Renaux, figura ilustre da cidade de Brusque/SC, onde moravam seus fundadores. Fabricantes de anzóis de pesca, esses fundadores iniciaram a fabricação de geladeiras a querosene (as geladeiras elétricas eram até então importadas, raras e caras naquela região do país) num pequeno galpão na cidade vizinha de Joinville/SC.

1950 – Início das atividades da empresa com a fabricação de 22 unidades. No ano seguinte foram fabricadas 230 unidades, 32 das quais foram exportadas para o Rio de Janeiro.

1955 – A empresa instalou-se em nova fábrica, modernizou sua linha de produção com novos equipamentos e máquinas, e chegou à produção de 3.000 unidades/ano.

1956 – Iniciou a fabricação de suas primeiras geladeiras elétricas (note-se que a rede de energia elétrica expandia-se rapidamente, no território nacional).

1960 – A Consul adentrou essa década com capacidade de produção de 30.000 geladeiras/ano. Durante esse período, aprimorou o isolamento térmico de seus produtos e lançou novos modelos compactos – o refrigerador “Consul júnior” e o “Supercongelador”, freezer vertical de apenas 115 litros de capacidade, obtendo grande sucesso de mercado. Rompeu também com os padrões visuais consagrados até então, adotando cores fortes (sobretudo vermelho e azul), inimagináveis para a época.

1971 – Com tecnologia da empresa dinamarquesa DANFOSS, criou a Empresa Brasileira de Compressores, a EMBRACO, e passou a produzir seus próprios compressores, importados até então. Nesse ano também lançou o primeiro condicionador de ar totalmente produzido no país.

1976 – A empresa foi totalmente adquirida pela Brastemp, passando a ser controlada pelo grupo BRASMOTOR e pela WHIRLPOOL (a compra também incluiu a participação da Consul na EMBRACO). A partir dessa fusão, juntas, Consul e Brastemp somavam 4.000 empregados, 3 milhões de geladeiras já fabricadas, 100.000 m² de fábricas instaladas e uma rede de distribuição e assistência técnica espalhada por todo o país.

1994 – O grupo BRASMOTOR fundiu Consul, Brastemp e Semer em uma única empresa, a MULTIBRÁS S/A Eletrodomésticos, totalizando 9.000 funcionários e tornando-se a maior empresa do setor na América Latina.

1996 – Nesse ano comercializou 3.423.000 produtos.

Em resumo

a) Das empresas consideradas, apenas a Philips era originalmente de capital estrangeiro, aqui se instalando em 1924, como escritório comercial de importação de lâmpadas incandescentes e, logo após, de aparelhos de rádio, produtos fabricados em sua matriz (Eindhoven/Holanda). Walita e Consul eram inicialmente empresas de capital familiar – até o nome Walita, junção de Wa de Waldemar, seu fundador e Lita sua esposa, denota tal característica – e foram fundadas respectivamente em 1939 e 1950.



Imagens e anúncios de revistas e jornais da época: CONSUL

depende de energia elétrica!

refrigerador

IBESA *Gelomatic* a **QUEROZENE**

- funciona em qualquer lugar!

1953

Gelomatic
A QUEROZENE

REFRIGERAÇÃO MESMO NO SERTÃO!

1956

IBESA Indústria Brasileira de Embalagens S.A.

Consul
para servir Melhor

CONSUL IMPÕE-SE POR SEU EXAME DO DETALHE POR DETALHE

- CONSTRUÇÃO AMPLA E MODULAR
- MOTORES E COMPRESSORES MONTADOS SELECIONADOS
- PARTICIPANTE DE EXPOSIÇÕES

7 DEL. CUBICOES

Consul A QUEROZENE

5 ANOS

QM 710 QM 480

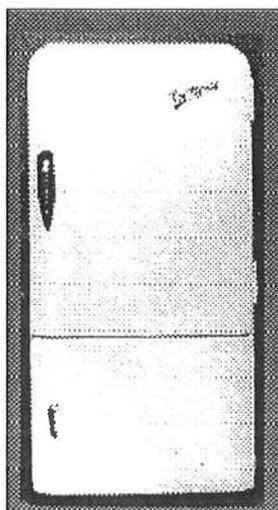
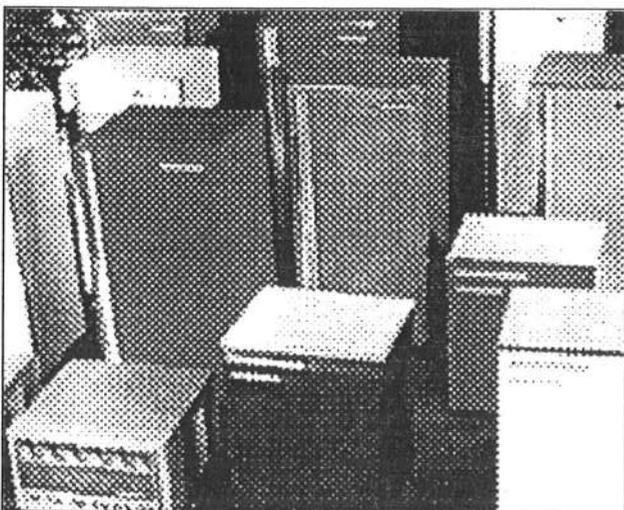
ST 710 A ELÉTRICIDADE

INDÚSTRIA DE REFRIGERAÇÃO CONSUL S.A.
RUA BARROSA, 257 E 210 - CX. POSTAL 247 - TUBARÃO - "CONSUL" - SANTA CATARINA - BRASIL

1957

pós-

177



A Consul era originalmente fabricante de anzóis e a Walita, de equipamentos de iluminação. A BRASMOTOR (Brastemp), fundada em 1950 como montadora de carros Chrysler e Volkswagen e de refrigeradores Norge, Alaska, White Star e Kelvinator – importava-os desmontados – surge como fabricante local de geladeiras a partir de 1953, caracterizando-se como uma empresa urbana moderna, de capital nacional agrupado, estabelecendo uma estratégica parceria tecnológica com a gigante norte-americana WHIRLPOOL (difícil imaginar uma “parceria” entre empresas tão desiguais...). A BRASMOTOR foi instalada em São Paulo, cidade de enorme concentração da demanda, e com objetivos empresariais definidos, no sentido de atender a um mercado nacional em vertiginosa expansão. Todas essas empresas viveram, durante a década de 50, intensas transformações de porte (planta industrial), processos e máquinas, recursos humanos e gestão empresarial, no sentido de viabilizar sua modernização tecnológica e aumentar sua capacidade de produção.

b) Fusões e incorporações de empresas “familiares” nacionais por empresas maiores, internacionais, de capital aberto, iriam delinear todo o processo de modernização do setor de eletrodomésticos a partir do final da década de 60, intensificando a expansão do mercado interno por meio de “novos lançamentos”, em que cada exemplar produzido procurava incorporar ao seu *design* atributos formais de um mundo elétrico moderno, centrado no consumo descartável das sociedades industriais mais desenvolvidas. Esse processo, marca da cultura industrial americana, estimulava o consumo pela aparência de modernidade que impregnava no *design* dos objetos (aí reside uma questão fundamental do chamado *style* americano, uma vez que se associava modernidade com novidade⁶), ao mesmo tempo em que a aparência e os mecanismos de funcionamento desses objetos anunciavam novas funções domésticas ou a automação de antigas funções (lembremo-nos que a maioria dos lançamentos de novos eletrodomésticos destinavam-se à cozinha, induzindo o fim da vassalagem caseira ou de antigos e morosos afazeres das donas de casa).

Vendia-se um novo comportamento urbano e inaugurava-se um novo repertório visual de produtos elétricos que guardavam muito pouca semelhança com o mundo mecânico anterior. Ampliava-se radicalmente o mercado com a entrada de novos consumidores, agora estimulados por uma conduta moderna para enfrentar velhas rotinas domésticas. Não se tratou, entretanto, da implantação de um hábito de consumo em que a visualidade dos produtos teria absoluta predominância sobre suas funções, mas da articulação entre essa visualidade e a materialização ou *decór* de um mundo novo que estaria a exigir uma nova concepção de hábitat. Graças a essa articulação, uma série de produtos complementares passaram a definir uma lógica decorativa moderna às casas urbanas locais, favorecendo a substituição de exemplares mais antigos e estimulando a compra de unidades para exercer funções complementares (observe nos anúncios da Arno, de 1957, a oferta de algumas “famílias” de eletrodomésticos, compatíveis com os diferentes ambientes das casas).

(6) Teóricos do industrial *design*, como Tomás Maldonado, não consideram o *style* como atributo do projeto do objeto, senão como mecanismo de venda, em que a visualidade estimula basicamente os impulsos de compra.

No crescente mercado industrial nacional (vários autores apontam para uma “demanda reprimida” para esses bens modernos, configurada por setores nacionais da classe média, sobretudo a partir do final da década de 40) estes produtos tiveram uma rápida aceitação, de tal modo que a parceria apontada da Brastemp com a WHIRPOOL Corporation – visando a incorporação de tecnologia, a incorporação da Walita pela Philips (1970) e a incorporação da Consul pela BRASMOTOR (então integrante do grupo WHIRPOOL), em 1976 – constituíram-se numa forma tida como “natural” para a modernização e expansão das fábricas “brasileiras”.

c) Como destacamos, *design* e tecnologia norte-americanos foram paradigmas exemplares implantados no mercado interno. A componibilidade de acessórios impulsionados por um mesmo motor (observe o anúncio “*TUDO ISTO NUM SÓ APARELHO*” da Walita, de 1957, em que as batedeiras de bolo podiam transformar-se em moedor de carne ou espremedor de frutas com a instalação de alguns acessórios), a incorporação de “novidades funcionais” aos eletrodomésticos mais antigos (observe o anúncio da enceradeira Walita, de 1953, “*a única com faroleta – dá brilho até no escuro*”, a simplificação de rotinas consagradas de manuseio (observe o anúncio de 1953 do misturador de massas e centrífuga TURMIX – distribuído pela Walita), o lançamento de novos produtos até então indisponíveis no mercado interno como o fogão a gás, lançado em 1960, a secadora de roupas, lançada em 1965, a lavadora de roupas, lançada em 1977, iam seduzindo o consumidor nacional e constituindo-se num autêntico arsenal da casa moderna carioca e paulistana, verdadeiros paramentos indispensáveis à conquista de identidade neste mundo novo urbano-industrial que se implantava.

d) A ausência de soluções “nacionais” de *design* – observe a foto do refrigerador elétrico fabricado pela Brastemp em 1953, e o anúncio de 1957 do refrigerador Consul, ambos paralelepípedos de cantos arredondados com gavetas internas, que, por outro lado, eram cópias defasadas de similares americanos – foi uma tendência confirmada nas décadas seguintes.

Os produtos compactos e coloridos da Consul, talvez mais compatibilizados com os pequenos ambientes das casas populares, aqui concebidos e lançados em 1960, surgem como manifestação local isolada. Seu relativo sucesso no mercado interno apontava para uma alternativa sem ressonância produtiva na expansão vertiginosa dos eletrodomésticos no Brasil, confirmada nas décadas seguintes.

Missionários presbiterianos e demais pioneiros americanos aqui chegaram em “descompasso” com os outros fluxos imigratórios que iriam marcar o Brasil, a partir da segunda metade do século 19: enquanto o “mundo novo” que povoava o imaginário de outros imigrantes, sobretudo europeus, fundava-se na conquista familiar de um lugar de trabalho e sucesso na terra desconhecida, o imigrante missionário pleiteava a catequese calvinista como condição básica para tal.